

Mulheres Superpoderosas

Após séculos restrita, na sociedade ocidental, à esfera privada, e a exercer seu poder no âmbito familiar e doméstico, a mulher vem avançando no mercado profissional, nos meios acadêmicos, enfim, em todos os setores em que se lança. No entanto, esta nova condição não parece ter trazido a felicidade plena, nem para homens tampouco para as mulheres. O que será que se passa? Que dificuldades impedem a comunhão de ambos os gêneros, para construção de uma parceria saudável, igualitária e prazerosa?

Alguns psicólogos apontam que a mulher tem dificuldade de abrir mão do seu 'reinado' doméstico. Além disso, sendo ainda as principais responsáveis pela educação da prole, ao socializarem as crianças, perpetuam o discurso de não colaboração entre homens e mulheres. De certa forma, a mulher mesmo semeia as condições propícias para a perpetuação da "guerra dos sexos", criando filhos e filhas com discursos opostos. Estes filhos e filhas, ao crescerem, se relacionarão com pessoas que tiveram criações distintas, recheadas de paradoxos e de "dupla moral", estabelecendo papéis rígidos para homens e mulheres. Pode-se prever, facilmente, que a não ser que as mulheres se conscientizem do seu papel na promoção da felicidade e saúde mental dos filhos, as dificuldades de relacionamento conjugal se manterão ainda por várias gerações. Não que possamos atribuir às mulheres, como mães, toda a responsabilidade sobre a felicidade dos filhos, mas elas podem facilitar ou dificultar seu desenvolvimento pessoal.

Um dos fatores que mina a estabilidade dos relacionamentos conjugais contemporâneos é a relação de poder no casal, intimamente ligada com a questão financeira. Nas classes mais altas, ou em casais em que a mulher tem uma condição financeira suficiente para um bom nível de conforto ou no mínimo de sobrevivência, a tolerância da mulher diminui frente às dificuldades de uma vida conjugal. Conseqüentemente, a iniciativa de separação ou divórcio partindo das mulheres vem aumentando.

Muitos homens ficam aturdidos com a decisão da separação. Os estudiosos sobre relacionamentos amorosos perceberam que as necessidades de homens e mulheres ao se casarem são diferentes: a mulher, em geral, busca acima de tudo o amor - que ela espera eterno. Para muitas, o termômetro seria o sexo. Para a mulher brasileira, amor e sexo ainda são indissociáveis. O exercício da sexualidade como fonte de prazer ou diversão - mesmo que em um relacionamento estável - ainda não é bem "digerido" pela maioria das mulheres e muitas usam-no como prêmio ou castigo para o bom comportamento do marido ou namorado. Situação impensável há poucos anos, quando o marido exigia seus "direitos". No Brasil, foram séculos de tolerância às escapulidas do marido, mas o quadro vem mudando, devido às conquistas das mulheres, ao entrarem no mercado de trabalho. Surpreendentemente, ao mesmo tempo em que se tolera menos a infidelidade do homem, cresce a infidelidade feminina...

Para o homem, o casamento muitas vezes funciona como seu porto seguro. Muitos atribuem ainda à mulher o papel de cuidadora da relação - e deles. Buscam a formação de uma família, sem terem como principal motivação o amor eterno, que as encanta. Talvez isto explique porque para o homem contemporâneo é muito difícil abandonar o lar. Ao mesmo tempo em que perde a segurança e estrutura familiares, muitas vezes se afastam da prole - até porque muitas mulheres "punem" o homem que a abandona, dificultando a visitação aos filhos, sem se importar com as repercussões que tal atitude acarreta no psiquismo dos filhos - de ambos - no futuro. Superpoderosas e inconscientes ou irresponsáveis deste poder. Por esta razão, ainda hoje, muitos homens optam por manter um casamento falido, mantendo um relacionamento extraconjugal. Com a amante, estabelecerá cumplicidade e buscará suprir possíveis carências sexuais, caso no casamento não esteja realizado sexualmente. Evita assim os riscos e ônus que uma separação sempre traz.

Claro que existem exceções. Não se pode generalizar acerca do ser humano, seja ele homem ou mulher, dizendo que todos se comportam da mesma maneira. Porém, as pesquisas da Psicologia Social apontam para estas tendências. O que funda as razões para manter ou não um relacionamento, no entanto, são individualizadas, que podem ser investigadas na psicoterapia – individual ou de casal.

Esta mudança se reflete na mídia que, por sua vez, reflete de volta a sociedade. As personagens contemporâneas dos filmes, *cartoons* e novelas contrastam com os exemplos de mulheres submissas, amorosas e compreensivas, que antes predominavam na mídia e nas artes. Hoje os papéis femininos são mais fortes. Se uma pioneira era “Penélope Charmosa”, hoje temos as “Meninas Superpoderosas” que, tais como as mães do público infantil, revelam as contradições femininas. Não deve ser por acaso que adolescentes e adultas também adotaram as personagens que podem ser igualmente fortes, ingênuas, carinhosas, brigonas. Muitas vezes “Docinho”, “Florzinha” e “Lindinha” se confundem sobre os papéis a serem desempenhados, para desespero do “Professor Utônio”, que é bem mais do que uma mãe – e também já mostra uma revisão dos papéis tradicionais de gênero. Mostra a mudança do homem. O homem da contemporaneidade cozinha, arruma, passa e é carinhoso e preocupado com suas criaturinhas... Enfim, as novas gerações recebem de forma lúdica mensagens sobre os novos papéis masculinos e femininos, via mídia, mas testemunham as contradições que se experimentam na contemporaneidade, em sua própria casa.

No entanto, como dito anteriormente, a “nova mulher” muitas vezes causa desconforto no “novo homem”. O “velho homem”, muitas vezes, não se conforma e resiste. Queixa-se não só da independência econômica da mulher (o que é contraditório, pois lhe alivia a carga que se exercia sobre ele, como provedor) mas também, na esfera afetiva, do papel que a mulher lhe rouba na conquista. Admira a mulher que se lança, mas se surpreende com o desejo de voltar a ser o sedutor/caçador e não o seduzido/caça. Sente-se por vezes usado e escolhido em função da sua “excelência”, como se fossem troféus a serem exibidos - queixa antiga, que outrora pertencia à mulher.

Enfim, conquanto com nuances diferentes, mulheres superpoderosas – tanto quanto os homens - encontram-se, na realidade, fragilizados, sem saberem ao certo como se comportar, o que esperar, e o que oferecer...